

O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO I — N. 2

RIO DE JANEIRO, 20 DE NOVEMBRO DE 1916

REDAÇÃO:
RUA DO SENADO, 218-217
Telefone C. 1.499

A Guerra e o Proletariado

A guerra terível que atualmente ceifa milhares de vidas nos campos devastados do velho mundo, embora a maioria dos trabalhadores da nossa classe julguem que nada tem de comum com os nossos interesses, está completamente ligada à nossa causa e, portanto, devemos tratar desse importante assunto nas colunas do nosso jornal.

Ante a loucura que, originou a tremenda crise econômica, sem precedentes na história da humanidade, não podemos absolutamente olhar indiferentes.

Os desproteídos da fortuna, os desherdados do patrimônio universal, os sem pátria, mais uma vez foram ludibriados pelos farsantes da política, os ajotas da bolsa, os reis do mercantilismo moderno, que tendo em vista somente a expansão mercantilista pelo universo, não trepidam em fazer chocar em massas compactas, os corpos triturados do proletariado, nos campos sinistros da morte!

Nós, os trabalhadores que temos tomado a peito o estudo minucioso da questão operária, que não é mais nem menos do que a questão social, não fomos absolutamente iludidos pelos cantores e apolojistas da paz armada, nem pelos senhores do socialismo governamental.

Diziam uns que seria impossível o de equilíbrio da política europeia, devido à equivalência das forças de terra e mar das nações preponderantes no concerto internacional da paz.

Os socialistas de estado, os traficantes das aspirações proletárias, diziam, descarada e hipercritamente, que a guerra europeia tornar-se-ia impossível, dado o desenvolvimento do seu falso e depauperado socialismo de cátedra, da sua farsa parlamentar e dos seus métodos ordeiros e legalistas dos quais se utilizava para arremeter "aparentemente" as forças proletárias em torno do seu ideal.

Conhecemos perfeitamente os fatores que determinam os conflitos internacionais e, portanto, não podíamos confiar na estabilidade da paz armada, e tampouco nas frases retumbantes e consoladoras de espíritos imprevidentes lançadas aos quatro ventos, do seio das "poelgas" parlamentares de todos os países, pelos papagaios do socialismo estatal.

Sabemos positivamente que existem causas e que fatalmente têm de surgir os efeitos dessas mesmas causas; como consequência lógica de um mal crônico estava correndo todo o organismo da sociedade capitalista.

A pátria, o militarismo, a educação e instrução oficiais, o comercialismo, a concorrência, o capitalismo, a propriedade individual, a desigualdade de classes, e, por fim, o Estado organizado sobre a violência, rodando de toda a casta parazitaria, afim de impôr, pelo terror e pela violência legalizada pelos códigos, o respeito sacrosanto a essa caterva de preconceitos, que serve de obstáculo ao desenvolvimento progressivo da humanidade, estacionada num caos, são os fatores que determinam as guerras das pátrias políticas e os conflitos econômicos que alteram constantemente a normalidade da paz social.

Jamais haverá paz no mundo enquanto existirem esses fatores determinantes da guerra.

Será possível manter a paz no seio de uma família, na qual uma parte diminuta viva no destruto da vida ampla, no luxo, na grandeza, na orjia, em face de uma maioria numerosa, que viva na mais degradante das misérias, condenada a um trabalho eterno, sem proveito que lhes garanta a sua velhice.

Será possível que triunfe a paz, a concordia, num mundo em que existe a propriedade privada do solo, sob solo, meios de comunicação e transporte e o capital acumulado?

Não pôde reinar a paz numa sociedade em que o pão não está ao alcance de todos, em que a vida é concedida a título de esmola por uma minoria insignificante e parazitaria, a uma maioria laboriosa, que tudo produz sem ter direito a nada consumir.

A pátria, segundo dizem os seus apolojistas, é uma determinada divisão geográfica da terra, no seio da qual vive uma família harmonica, de interesses comuns, com a maior afinidade de ideias e costumes que os ligam em laços indissolúveis.

O Estado, dizem os patriotas, ergue-se do seio dessa família, como anjo protetor e dirigente dos seus destinos.

E, naturalmente, que para sua obra ser completa e perfeita, tem de fomentar o desenvolvimento do militarismo, rodear-se de um corpo social bem organizado e uma escola de "direito", da qual devem sair os juristas, que vêm fazer as leis que devem reger os destinos da "pátria".

A pátria, segundo eles é a nossa mãe comum.

Representada pelo Estado, está encarregada de zelar pelos nossos destinos, defender os nossos direitos, e, portanto, devemos ser dela escravos, vendo a última gota de sangue em holocausto à sua grandeza...

Emfim, a "Pátria", segundo os patriotas é sinônimo de justiça, liberdade de pensamento, igualdade econômica e o triunfo completo da fraternidade e amor entre a família que vive sob o protetorado de sua bandeira.

E' assim, de tal jeito, que o proletariado, internacional ainda continua a ser ludibriado pelos seus maiores inimigos, e derrama

o seu sangue, que podia ser tão útil em obra mais meritoria, em defeza dum estado de coisas que não compreende de um direito que não lhe pertence.

O Estado é uma arvore, que se ergue sombria sobre os destinos da humanidade, privando-nos de ser acariados pelo sol resplandecente e vivificante da liberdade e da justiça.

E' ele um dos maiores fatores da desordem, do crime e da fraude legalizada. Como queres tu, ó Estado, evitar o crime, a desordem, a guerra, quando és tu o padrao legalizado deste estado de coisas? E's tu que, com aparência de virtude e justiça, propagas o crime, tiranizas e infelicitas a humanidade. Os criminosos vulgares que atentam contra a tua ordem, e que tu condenas com o pezo esmagador das tuas leis, são a manifestação perene da tua impotencia, o resultado pratico da tua incapacidade, os filhos legitimos da violencia em que tu assentas.

Tens envilecido as ricas cidades, com a construção de sinistros e sombrios prédios, tens "ornamentado" as tuas praças publicas com a presença vergonhosa dos cadafalsos, tens empapado a terra com o sangue das tuas victimas, tens finalmente feito tudo que está ao teu alcance para extinguir o crime e a desordem, quais os resultados?

Nulos, definitivamente negativos, porque o mal é proveniente da tua existencia. Desaparece, pois, tu ó verdugo e tirano, carcereiro ou juiz, policia ou militar, burguez ou capitalista, e depois o mal desaparecerá tambem.

O Estado, desde que o homem saiu à luz da vida, toma-lhe conta e só o abandona quando fechando os olhos o despede da natureza, como em tempo o fazia o cristianismo.

Apoderado da regulamentação do ensino, toma conta do homem na sua infancia e faz dele um instrumento da sua maldade.

Abarrota o cérebro da juventude com esse amontoado de preconceitos perniciosos que atrofia e avilta o pensamento humano.

A mentira, a hipocrizia em que está baseado o ensino official, leva o homem a desconfiar da sua força, do seu genio creador, a precindir da sua individualidade impotente em favor de uma suposta autoridade divina ou humana a quem deve confiar os seus destinos na vida.

O mundo, a natureza é para a maioria da humanidade uma terivel confuzão, uma coisa incompreensivel.

O homem sai da escola, ou melhor, da igreja official do Estado, com um caráter indefinido, uma educação hipocrita, um tipo, emfim, lapidado pelos "pedreiros" do Estado, de acordo com as necessidades e as maldades sociais.

Entra na vida social cheio de esperança, iludido com a facilidade "aparente", pensando triunfar na vida, ao completar os 18 annos o Estado reclama-o para defender os interesses da "pátria".

Entra na caserna!
Que vai aprender nesse antro de deformação física, aniquilador moral e esmagador de energias?

Torna-se necessario que maneje uma arma de fogo com facilidade, que conheça algo de instrução militar afim de defender os interesses sagrados da pátria.

Que pátria? Que intendes vós por pátria, irmãos trabalhadores?
Ainda continuais a confiar na definição burguezia dessa palavra?

A pátria que nos ensinam a respeitar e adorar, com o culto politico, nas escolas do Estado é para nós algo indefinido e indefinivel.

Como conclusão logica do minucioso estudo analitico a que temos submetido esta definição hipocrita, em confronto com as nossas aspirações grandiozas de liberdade e justiça, vemos que a pátria é uma minoria de individuos arjentarios, senhores de todas as riquezas sociais que empunhando uma bandeira de exploração e tirania, se destacam no seio de um determinado povo e se arvoram em seus dirigentes ou pastores.

A' frente dos destinos de cada povo, em que, infelizmente está dividida a humanidade, ha sempre um governo constituído, por quem?

Pelos potentados, pelos arjentarios do capital, senhores da vida e das riquezas.

Acazo nós os trabalhadores poderemos viver na actual ordem de coisas, si esses mecanismos da engrenagem social paralizam a mola principal, a alma da sociedade capitalista, o rei dinheiro?

Pois bem esses patriotas de momento e por sport dizem que a pátria representa o passado, o presente e o futuro de uma família que tem as suas tradições natas, de uma família que tem interesses comuns e igualdade de condições na vida, de uma família, emfim, que vive sob um regimen da mais ampla justiça e liberdade.

Naturalmente quando se dá um conflito internacional, educados como estamos na religião patriótica, os governantes lançam um veemente apelo ás classes proletárias para que se prontifiquem a defender a "pátria", ofendida nos seus brios de nacionalidade independente.

Eles sabem perfeitamente que no sentimento popular está arraigada a peçonha maligna que eles lhe transmitiram e naturalmente pouco lhes custa conyeneer a massa proletaria de que de fato existe alguma coisa que lhes pertence e que tenham que defender.

São os interesses da pátria que pedem o sacrificio das vossas vidas.

Cumpri o vosso dever de filhos honrados! E vós trabalhadores, irmãos de sofrimentos, não védes detraz dessa falsa pátria, nessa quebra de relações diplomaticas, este choque terivel dos interesses capitalistas?

Não védes que os vossos inimigos vêm em perigo os seus interesses, que adquirirão a custa dos vossos sofrimentos e privações e hoje vos ineitam a defender, além das fronteiras aquilo que hontem defendias nas praças publicas na vossa suposta "pátria".

A pátria é uma mentira, uma burla, com a qual se explora, vilipendia e trafica a classe proletaria.

Nós não temos pátria por que não temos direito à vida na sociedade.

Não temos pátria, e a maioria dos trabalhadores europeus bem tinham compreendido essa verdade, antes de ser declarada a guerra mas a burguezia de acordo com os farsantes do socialismo, ainda teve ocazio de mais uma vez lançar mão dos principios sacrosantos de justiça e liberdade, para em seu nome, transformar em carne de canhão os corpos dos nossos irmãos europeus.

Mais uma vez, irmãos trabalhadores, fomos ludibriados pela canção derijente pela casta parazitaria que nos esmaga, mas confiemos nas nossas forças e trabalhemos para que esta guerra terivel, na qual se decidem interesses estranhos à nossa causa, seja o esborramento definitivo da sociedade capitalista.

Sim, que seja esta guerra patriótica o preludio da guerra dos sem pátria e que levando no centro um ideal como bandeira, empunhando o facho da guerra social, anuncie o triunfo da justiça e da liberdade.

Paralixemos o mundo num unanime cruzar de braços, e sobre os escombros da sociedade burguezia plantemos a arvore majestosa da liberdade, igualdade e fraternidade universais.

ODNUMYAR.

És livre!

A emancipação! sim, deu-se a liberdade aos servos, e Alexandre, Czar filantropo foi admirado e gabado por todos os liberais europeus como fóra Catharina por Voltaire e Diderot. E, de fato, foi um magnifico ukazo. O' magnanimidade imperial! O' dezíntesse, da nobreza! Setenta milhões de sérvos, de golpe e sem mais aquela tornados livres!

Mas escuta, louco que me interrogas:

Um homem tinha um cão. Utilizava-o em dar volta à roda do seu assador, em arrastar pequenos carros, em morder as patas das ovelhas que se apartavam do rebanho, e, em recompensa destes serviços, batia-lhe sem treguas, sem fim, com prazer. Ao menos, porém, dava-lhe de comer, comida mesquinha e repugnante, é verdade, mas comida, emfim. Um dia o homem disse ao seu cão:

— Vai-te, sai daqui, és livre.

O cão perguntou:

— Para onde irei?

— E's livre!

— Que farei?

— E's livre!

— Que comerei?

— E's livre!

— Mas rehentarei de fome e sede!

— Já te disse que és livre.

E desde então, seco e esquelido, a pele, rugosa e salientes os ossos, o cão andava errante, faminto, mordendo o ar, devorando os proprios excrementos.

E'... livre!

e qualquer dia, amanhã, esta noite talvez, o seu focinho deformado, espantará os transeuntes, a não ser que o encontrem pelas planuras, com a febre no olhar, baba nos dentes, raivoso... O' antes de morrer, oxalá enraiveça,—e que emfim, este cão livre morda dumavez!

Catullo Mendés.

(Do livro Roman Rouge).

O que mata o patriotismo

Muitos bons patriotas clamam contra as ideias dissolutas do tão sacrosanto patriotismo, mas a verdade é que a derrocada desse famoso sentimento é muito ativamente preparada pelos que defendem, com as armas e com os sofismas, a organização social presente, na qual não ha pátria, de fato, para a imensa maioria, do que pelos proprios revolucionarios.

Arranca-se violentamente o homem à terra, e pretende-se que ele a defenda contra os competidores do amo que o explora!

O patriotismo significa verdadeiramente o amor à terra? Pois bem: tenha o homem essa terra, com a possibilidade de a fazer frutificar, com os meios de a tornar generosamente fecunda, sem obstáculos de competencia e de parazitismo. O amor sem objeto não pôde existir...

A borrasca

Segunda pajina desta tarefa a que nos dedicamos; tarefa franca e leal, surtida do esforço de um punhado de homens de trabalho que labutamos nesta classe, á qual vos diremos com franqueza de alma, este clima tropical parece não ser propicio e absorvente das energias vitais.

Permiti que vos diga assim, mas certo é que temos muita falta de espirito emancipador. A grande parte dos que trabalham nos misteres de alimentação, parece que têm aspirações discordantes da união universal dos trabalhadores, que se esforçam pelo bem estar do povo sem distincão de raças ou religiões, pela igualdade de todos, dos interesses comuns; destes que sentem a revolta contra a organização social deste seculo dezastrazo e fatal, que vai passando como o furor de embravecido vento que, pelas encostas da serra, arraza arvores aos centos e centos e os altissimos pinheiros aterra.

Não aceitamos a hipocrizia do modo de viver actual, com as pretenções de categorias e superioridades.

Bem diz: Escrognole Doria: o que são civilizações são disfarces da vida e natural bruteza humana?

Si assim não fosse não atravessariamos esta epoca tenebroza que passa com uma horrirel tempestade que tudo destroça. Tendo por cima um véo encobrindo a mortandade, através de todos os tempos a guerra tem sido a perdicão do mundo, portanto lutamos por uma transformação social e pela evolução que se apresenta salvadora.

Desde o tempo das organizações por tribus, cujo chefe dominava pela força, passando-se aos sultões potentes, senhores de grandes harens, depois aos imperios e reinados das Farões, os Czares e Cezares, cujos atos cruéis estavam a coberto de qualquer responsabilidade.

Mais tarde os lejisladores impuzeram-lhe as constituições, as quais lhe reprimiram um tanto o seu poderio. Passou-se depois ás implantações das republicas chamadas democraticas.

Quando acreditavamos numa era em que tudo se resolveria pela acção da diplomacia, vindo reunir-se no Palais de la Paix em Haya os representantes de todos os países que se dizem civilizados para resolver o dezarmamento jeral, poder-se-ia imaginar esta guerra que vai ceifando uma grande parte da humanidade?

Caminhamos a procura de uma existencia de bem estar, de melhores condições de vida, trabalhamos por um ideal, que nos redimirá os sofrimentos.

A diplomacia no seculo XX procede como os dentistas de feira que para aliviar ao cliente a dor de um dente, aplicam-lhe um liquido que lhe quebra os outros todos. E nós, os trabalhadores em geral, somos os responsaveis por essas barmarias que devastam o mundo. Com efeito, sendo nós a grande maioria, porque motivo a engrenagem de uma insignificante minoria de que se compõe o carro dos dirijentes, poude fazer-nos joguetes das suas ambições e dos seus sórdidos interesses, enganando-nos a todo o momento com os seus sofismas e parando os espiritos para a ruina que dezejavam?

Erguei-vos sem temores e segui os principios emancipadores, unicos que vos podem ser uteis, porque nos prégam a solidariedade dos oprimidos contra os opressores e, então, fortes e viris, tendo como pavilhão, á nossa frente, o facho da razão, defendendo a um tempo os interesses proprios e os interesses gerais, falaremos alto aos nossos algozes, nos arrojaremos, terribeis contra a opressão, como os persas se arrojaram contra as muralhas da Babel, entretanto Baltazar com seu sequito se perdia nas orjias dos festins.

E assim, nessa revolta contra o degradante dominio dos senhores, preparemos a paz e o bem estar para todos.

G. Costal.

Carta aberta aos senhores patrões

Amigos e Srs.

Saudações.

Tem por fim esta dirijir-me a vós para vos lembrar, mais uma vez, o caminho que tendes a trilhar se quizerdes ser considerados homens capazes, e não como carrascos que sois hoje.

Não que esse caminho não o saibam vós, mas não o quereis compreender;

por isso mesmo vos escrevo esta para ver se vos encaminho no dever que tendes de ser humanitarios.

Principio perguntando-vos: Porque é que vedes as melhorias de outras classes trabalhadoras, e não procurais, em parte, melhorar a sorte d'esses que vos acumulam o ouro na vossa burra, que largam seu suor e gastam suas energias, em beneficio vosso, e que tiram para eles um resultado mesquinho? Por que em vez de alimento, alguns de vós, lhes dão restos que até os cães fujiriam ao vel-os, concorrendo assim para que a fila interminavel dos tuberculosos e anemicos aumente!

Não seria melhor que vós, no vosso interesse monetario mesmo, lhes desseis essas mesquinhas 12 horas e do descanso semanal?

Isto só vos traria lucros e não percas como vós pensais; vossos "escravos" trabalhariam com mais descanso e portanto mais despreocupados de espirito, o que hoje lhes não succede; vivem carncrudos, esfalados pelas grandes caminhadas de 16 e mais horas de serviço.

E, se lhes dessem o descanso semanal, não terieis vos um grupo a mais de frequentes que se dividiriam pelas vossas cazas apreciando vossos "manjares"?

Meditai e vereis que isto são verdades nias, e mais, vereis que vosso carncrismo só vos trará prejuizos muitas vezes occultos e que bem grandes são. A falta de alimentação, pois é esse o ponto capital que vós deveis de acatar, é o vosso maior prejuizo porque caixeiros ou cozinheiros tem que se alimentar fatalmente, e se não o fazem nas horas marcadas por vós, para a distribuição dos restos, fóra destas horas comearo o que mais a mão se lhes deparar, e ai vai o adajio: Quem tudo quer, tudo perde.

E mais, se algum desses desprotejidoss da sorte cá i'numa cama doente é atirado á rua sem mais aquela e, portanto, elas por elas, quereis que tenham consideração para comvosco? tende para com o vosso semelhante.

Isto é logico e claro, portanto amigos, estou com pressa, vós não me dáis tempo para mais, mas meditai e si por acaso necessitardes algumas informações sobre este cazo eu vos darei no proximo numero.

Sem mais, sou at. obr. cr.

Ruhrta.

Reparos

(A proposito de um folheto)

Os libertarios do Rio, vêm de publicar um folheto em que, a proposito do seu recente afastamento da Federação Operaria do Rio de Janeiro, e "para desfazer mal bentendidos" desenvolveu uma cerrada critica á organização sindical, lavrando-lhe a sua formal condenação.

E' um direito que indisuteivlmente lhes assiste e não seremos nós quem lhes iremos opór a menor restrição, assumindo o papel irrisorio de censuras da attitude daqueles que foram outr'ora os mais decididos campeões nas lutas sindicais.

Já alguem com muito acerto disse que "ainda que desprovido de eloquencia e de sciencia, todo homem medianamente culto e inteiramente sincero, tem alguma coisa interessante que dizer aos seus concidadãos e, si a ocazio se lhe offerece, deve manifestar-o, pois que da reciproca comunicação de ideias e de sentimentos brota a harmonia da vida intelectual efetiva." Assim sendo não pudemos resistir ao dezejo de traçar nestas linhas os comentarios que a leitura do referido folheto nos sajeu.

Os camaradas firmantes da aludida publicação, nada mais fizeram, a nosso ver, do que concretizar todas as criticas que até hoje têm sido dirijidas á organização operaria em particular, (acrecentando-lhes, é claro, outras tantas inspiradas pelo seu criterio pessoal), apontando defeitos, males e perigos inerentes a todas as formas de associação na sociedade actual: o cooperativismo, o mutualismo, etc., etc., todavia possiveis de sanar-se, no que respeita ao sindicalismo, pela acção intelijente e esclarecida dos que nele militam. Mas admitidas como judiciozas tais criticas, reconhecido como efetivamente nocivo ou, pelo menos, impotente como instrumento de transformação da sociedade, perguntamos nós qual o sucedaneo indicado para o logar dessa firmidavel muralha contraposta a todos as forças compressoras do capital e do seu inseparavel aliado, o Estado?

Com effeito, depois de se haver considerado o sindicalismo a quintessencia da organização, o formidavel alivio demolidor que a golpes decisivos havia de abrir imensas brechas no edificio de opressão e de ignominias que é a sociedade actual, conduzindo as classes produtoras pela larga estrada da rebeldia ás portas da cidade futura, de justiça e de amor; depois de se haver considerado o sindicato a "cella mater" da sociedade futura, o orgão a que necessariamente no dia feliz da revolução social se haveriam de confiar o enorme e fecundo labor de organização da produção e das tro-



EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as columnas de O Cosmopolita estão francas a toda e qual-

O Cosmopolita publica-se nos dias I e 15 do mez.

Assinaturas

Table with 2 columns: Assinaturas, Valor. Includes entries for 'Anno' and 'Semestre'.

cas, eis que, repentinamente, mal impressionados, talvez, por acontecimentos cujos fatores certamente não podem ser na hora presente devida e detidamente esmiuçados...

Lamentam-se os camaradas libertarios pelo fato de certos organismos operarios desta capital, depois de haverem realizado atos publicos de pomposas e grandiosas declarações sindicalistas, descambarem completamente para o terreno da deturpação dos principios...

Nesse caso participam os camaradas do mesmo erro de que está imbuída a "massa", supondo que a organização seja uma entidade que independe do que a compõem.

Que alma candida pretenderia, então, fazer propaganda de principios sãos, num meio empolgado pelos especuladores, sem se sujeitar a inevitáveis disputas pessoais?

Não desconhecemos que em determinadas ocasiões os interesses corporativos de uma classe trabalhadora chegam a contender-se com os de outra. Chocam-se, tornam-se mesmo inconciliáveis...

Infelizmente conosco não pensam os camaradas, e a nosso ver, essa sua convicção parte justamente do principio de, como super-homens encerrados na sua torre de marfim...

Verdadeiras bestas! Lendo isto, insensivelmente nos veiu á lembrança certo personagem da interessante novela de Malato a "Grande greve".

O "Barão de Gourdes", soberbo plutocrata, senhor de vastas minas de carvão em Mersey, surpreendido nos seus dominios pela subita revolta dos seus escravos...

E' triste que, homens como vós sois, não tenhais coragem para lutar pela causa comum e vos humilheis, domesticados perante o olhar severo de um patrão...

Assim se expressava "De Gourdes", o plutocrata, senhor de vastas minas de car-

DESCENDO DA MONTANHA

(Continuação)

Sim, talvez não imaginas quanto somos felizes neste sublime paraizo. Aqui desfrutam a vida cheia de gózos, conforto, prazeres e alegria.

O homem com a sua intelligencia e capacidade creadora conseguiu domesticar a natureza selvagem, fazendo dela uma mãe sutil e amorosa.

Elle recebeu-o no seu seio com o mesmo carinho com que a mãe recebe o filho que tem vivido durante muito tempo longe do seu aconchego maternal.

Segundo os claros e insofismáveis dispositivos dessas leis todos entram no paraizo da vida com os mesmos direitos e deveres, salvo pequenas ecceções.

Estende a tua vista sobre a superficie da terra e verás como tudo é grande, tudo é belo na natureza.

Temos á nossa disposição o tezouro do genio e do saber humano. A ciencia ao alcance de todos.

A Medicina, a Chymica, a Electricidade, o Calor e a Mecanica, emfim todas as forças da natureza em toda sua plenitude, postas á disposição utilitaria da sociedade pelo genio do homem.

Foi injente, terrivel a luta que o homem manteve contra a rebeldia selvagem da natureza, mas por fim venceu.

Sobre extensas planicies da terra erguem-se majestozas cidades, rasgadas por esbeltos e ricos boulevards, ao longo dos quaes se vê o desportar formozinho e verdejante de intermináveis filas de arvoredo.

Floridos jardins rompem os centros das cidades, como claros radiantes de vida.

Sobre profundos e solidos alicerces erguem-se soberbos palacios, nos quaes o homem se abriga das intemperies da natureza.

Carros, bonds, automoveis circulam apressurados pelas ruas da cidade, conduzindo de um ponto a outro lindas condzellas e elegantes mancebos.

Tudo, risonho e alegre, canta o despertar brilhante da civilização e do progresso.

A locomotiva possante penetra na profundidade das montanhas, atravessa extensas planicies, cruza rios e pantanos e annuncia finalmente, pela estridencia dos apitos a sua chegada ás portas da cidade.

Mas como conseguistes rodear-vos de tanto conforto e grandeza na vida? Ser-me-á igualmente possível desfrutar de tanta felicidade?

Pois não, estrangeiro, a tua felicidade depende somente de ti, porque ella consiste no trabalho.

Trabalha, pois, que serás feliz. — Toda essa grandeza existente sobre a terra é producto do vosso trabalho? — Naturalmente, aquelle que não trabalhou, pagou a outrem para que trabalhasse por elle.

—Mas, não têm todos os mesmos direitos e deveres? — Deixemos isso para mais logo...

A superficie dos mares, coberta pela audacia do homem com verdadeiras cidades flutuantes, cada vez mais se aproximam as estreitas relações entre a humanidade. De um continente a outro levam os descobrimentos scientificos o conhecimento pratico de tornal-os uteis ás condições de vida.

Tudo isto depende do trabalho creador do homem, sem o qual nada seríamos ou viveríamos uma vida triste, cheia de sofrimentos e miserias.

Procura, pois, trabalhar, si é que queres ser um homem de bem, de bom comportamento social, digno de toda consideração e respeito dos teus superiores.

—Superiores! — mas ha porventura, distincções de classe ou categorias sociais? — Em que irei empregar as minhas energias laboriozas? — Existe a liberdade de trabalho e, portanto, és livre de escolher a tua profissão.

—E aquelle homem de feições macilentas, sujo e andrajoso, dolorosamente arrastando a carcassa, cujo olhar dardejando chispas de profundo odio e desprezo, que se aproxima? — Parece que o ilustre amigo sentiu á pouco uma certa deceção, ao lhe falar em superiores, não é verdade? Pois, ouça, meu caro: é lojico que a natureza reconheça dotes superiores naquelles que tiverem a capacidade de reunir mais dinheiro, porque (digamos a verdade) si não fóra elles não existiria nada dessa grandeza que tu hoje contemplas extaziado.

—Lembras-te de haver eu explicado, que salvo pequenas ecceções, reconhecia a todos os mesmos direitos e deveres? — Pois bem, essas pequenas ecceções somos nós, os ricos, que constituimos a minoria.

—Porventura acharás natural que aquelle miseravel que ali vés, tenha os mesmos direitos na vida que eu? — O homem de feições macilentas, ao vêr-se apontado, correu, como pedia, ao nosso encontro.

Nesse intervalo apossima-se um luxuoso automovel em que viajavam elegante e formozinha mulher, o chauffeur que o dirije para-o bem junto de nós, e o homem do dinheiro embarrufasta-se por elle a dentro, toma um logar ao la-

do da formozina dama a gritar sobresaltado ao chauffeur para que apresse a marcha afim de afastal-o do perigozo anarquista que se aproxima!

Assustado com a attitudo inesperada do forajido, olho em redor e encontro-me sózinho com o terrivel e perigozo anarquista do qual o capitalista havia fujido espavorido.

Que fazer em tão aflitiva situação? Entabolar conversação com o homem "terrivel" e "perigozo" ou fujir espavorido para o palacio onde havia penetrado o luxuoso automovel?

Extranho ao novo mundo-precizo conhecer-lhes os homens, para entrar com elles no desfrute da vida. E assim, vou entrevistar o "homem perigozo" afim de saber o que elle pensa da vida e do mundo. Emfim o homem achega-se a mim e, num jeto de solidariedade, estreitamente, comovido, a mão, como se algum dia houvesse sido meu intimo amigo.

Aquelle homem, de semblante sumamente simpático, que retratava toda a bondade em que mergulhava o seu coração, trava comigo a seguinte sujestiva palestra:

—Conheço — diz-me elle, numa voz trémula e rouquenha, — que sois novo no mundo, e, portanto, conservais ainda a vossa alma pura e nobre, livre da influencia pernicioza da sociedade capitalista. Sentirei, pois, um grande prazer si me escutardes um momento.

—Sim, escutar-te-ei com satisfação, embora o primeiro homem com quem falei neste paraizo fujisse de ti espavorido. Traizado ao vosso meio por um soninho, fujindo ás hostilidades da natureza selvagem, quero conhecer os vossos costumes e condições de vida — analizar os fatores da miseravel deziqualdade que noto entre vós. Quero falar-te cor: representante genuino do proletariado.

—Em primeiro logar quaes as vossas impressões acerca da entrevista que acabais de ter com o miseravel e covarde explorador que acaba de introduzir-se naquele palacio?

—O' sois felizes em extremo, segundo suas afirmações categoricas. Todas as riquezas existentes sobre a terra estão ao alcance de todos, e nesse caso, segundo parece, sois todos acariados pelo sol do bem estar e da liberdade...

—O' ignominia! como fostes ludibriado na vossa boa fé de noviço no mundo, por esse tipo nojento e asqueroso! Aqui, no suposto paraizo que haiveis sonhado, uma enorme maioria da humanidade está condemnada a um trabalho forçado e extenuante, vivendo na mais repugnante das miserias, em beneficio de uma minoria parazitaria que, senhora do capital "dinheiro" e dos meios de produção e de transporte, impõe-nos a sua vontade, sob pena de succumbirmos ao pezo da miseria. Eles apropriam-se legalmente do producto do nosso trabalho, deixando em nosso poder unicamente uma "esmolha" a titulo de salario, afim de não esgotarmos definitivamente as nossas energias, a expensas das quaes elles vivem no luxo, na opulencia, no meio da mais refinada orjia...

(Continua).

de petisqueiras que annunciam legumes, de S. Paulo. Tomei um "taxi" e mandei "tocar" para uma muito conhecida e de fama antiga. O automovel ao partir es-

Emquanto isto eu continúo imperturbavel a ler o "menu", o garçon, vendo que eu estava demorando veiu ao pé de mim e diz-me: si o que está aí não serve mande fazer. Pois bem, disse-lhe eu, faço anos hoje e estou disposto a passar bom.

— Pois não! — disse elle — mande que aqui tem um criado habilitado para servir-o e a casa dispôs de tudo que é bonito. — Eu quero pratos que tenham legumes...

— Com legumes temos cabeça de garrucha com arroz e "ortos", e chispres com feijão e grelos. Não quero nada disso, quero legumes finos de S. Paulo! — Ah! de S. Paulo, hoje não temos. (O azar continuava).

O trem tinha descarrilado, mais uma vez era alterado o programma! Vi em cima do balcão camarões cozidos ao natural; pedi, pois, que me dessem daqueles camarões ao sauce remolado, e o garçon vendo-me apontar para o balcão e como o patrão estivesse perto, a "fungar" disse-me: b' elle está um pouco constipado!

Vendo que elle não percebia, disse-lhe: bom, sirva-me os camarões ao sauce tartar e ele continuava: é si ele não se vai tratar, pode ficar peor. Acabei comendo os camarões com azeite e vinagre; neste ponto ele perguntou-me: e vinho?

— Vinho, quero branco bom. — Tem de todos, escolha. Então, comeci também a brincar e pedi (na certeza de que não tinha), Chabliz, e ele responde logo: ah! Flor de liz, só tem tinto, o branco acabou-se, e não ha no mercado.

— Bem, então vou ao tinto mas quero Pontet Canet, e ele logo responde: muito lampeiro: Douro Clarette, tem. — Tive que gramal-o. Em seguida pedi um moton-chopp, e ele, pensando que eu gracejava, responde mouton só tem costeletas e chopp não temos, e mesmo esotraçoa o paladar.

Dezanimeei por completo e pedi a sobremeza; como não tivesse comido bem, pedi uma sobremeza que alimentasse, um samboião, e ele foi buscar marmelada, e disse: "boião" só temos o dos pimentões, porque? precisava de fazer algum xarope?

E' que o homem pensou que eu fosse fazer algum cozimento de hervas (achou-me com cara de doente) e eu acabei comendo a marmelada. Por fim ofereceu-me café e licorez; aceitei, perguntou-me qual era o licor: pedi cheridorial, e lá foi buscar o Pére Kermann, a dizer: "este do cardal é bom" (por ter um padre no rotulo).

Resta-me apenas o consolo de recomendar-o ao autorizador critico, illustre dr. Azyrém Furtado...

MOXILA.

CAZA PASCHOAL

Será verdade?

Chegou ao nosso conhecimento que a Confeitaria Paschoal vai reformar radicalmente o método de serviço.

Nessa reforma, segundo estamos informados, vai entrar o pessoal, juntamente com o seu velho sistema de trabalho.

Mas que diabo é isso? Será possível que os proprietarios da mencionada confeitaria se convencessem de que é de imperioza necessidade apozentar aqueles pobres diabos que ha tanto tempo vêm ensembando paletots nos humbrais das portas da rua do Ouvidor?

E o Marinho? pobre diabo, parece que desta vez vai plantar batatas...

Segundo informações, que nos merecem todo credito, sabemos que nem se apresentará candidato ás novas vagas depois da reforma. Coitadinho! será verdade?

Não era sem tempo que os senhores proprietarios da Confeitaria Paschoal se decidissem a atender ás reclamações que diariamente choviam no seu escritorio.

A freguezia daquella afamada caza no serviço de banquetes, sempre que fazia encomenda de algum trabalho, perguntava: "e os caixeiros? ainda são os mesmos?" e, obtendo resposta afirmativa, respondiam: "que diabo de historia, sempre os mesmos criados velhos deformados e ensembados! Tanto rapaz novo a serviço desta classe, de "chic" apresentação e fundos conhecimentos dos novos métodos de serviço culinario, e os senhores não ha meios de apozentarem esses homens."

Pois bem, chegou enfim a hora de os transeuntes da rua do Ouvidor não serem mais incomodados pela presença dos tipos caracteristicos de criados de banquetes, velhos e impertinentes, na sua moradia publica: rua do Ouvidor.

Pauladas e pedradas

Defender os interesses morais e matierias da nossa classe, e pugnar pelo seu desenvolvimento intelectual, é o ideal grandioso que nos anima no cumprimento do compromisso que livremente e de bom grado aceitamos, quando assumimos a responsabilidade da publicação de "O Cosmopolita".

As queixas que constantemente chegam ao nosso conhecimento contra alguns indignos companheiros, que, faltos de todos os conhecimentos de justiça, não trepidam em vilipendiá a dignidade e o caracter de seus companheiros, os quaes com mais altivez e hombridade sabem manter inviolável a sua personalidade de trabalhadores concientes, levounos a encetar a publicação desta columna, na qual, sem cometer a menor injustiça, criticaremos acerbamente a conduta miseravel dos máus companheiros, que pelo seu procedimento incorreto e indecoroso, muito prejudicam os interesses colectivos da classe a que pertencem.

Não queremos ser pezados nas primeiras palavras que vamos inserir no órgão defensor dos nossos interesses contra companheiros que conciente ou inconcientemente se fazem alvo da maioria da classe, apontados como perniciosos e prejudiciais ao nosso meio.

Assim sendo, obedecendo estritamente á criterioza e prudente orientação de "O Cosmopolita" passamos, por hoje, a dar-lhes um conselho de bons e leais amigos, afim de vermos se conseguimos fazer com que eles reparem o seu erro, prejudicial para eles e para a classe em geral.

Esses companheiros, sobre os quaes peçam infinitas de acusações, são os seguintes: José Cardoso, vulgo Paulista e Leonardo Vilham, vulgo Aca negra.

E' triste, companheiros, que um jornal de trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés, etc., etc., fundado unica e exclusivamente para defender os nossos interesses, tenha de occupar-se em censurar o vosso procedimento prejudicial de máus companheiros.

E' triste que, homens como vós sois, não tenhais coragem para lutar pela causa comum e vos humilheis, domesticados perante o olhar severo de um patrão, que vos explora habilmente, fazendo-vos acreditar que é vosso amigo.

Olhai, companheiros; não queremos occupar mais espaço, para tratar de questão tão vergonhosa e repugnante como esta que tanto deprime a dignidade, altivez e carater de uma classe, mas si necessário fór, nesta mesma columna, aberta especialmente para esse fim, faremos uma campanha tenaz contra a vossa attitudo, estampando as vossas fotografias já em nosso poder, no jornal e nas esquinas das ruas da cidade e no fim não vos livraremos de aguentar com o resto das responsabilidades.

Companheiros, tomai juizo! Ouviram?!

O. R. M.

Esperamos que os novos que vão substituí-los, tenham um pouco mais de dignidade e caráter, para esperar chamados no Centro Cosmopolita e não dar espetáculos tristes na rua mais central da cidade.

Recebam, pois, os senhores proprietários da Confeitaria Paschoal as nossas felicitações sinceras por tão meritória obra.

Não pensais!...

O pensamento é a preocupação do espírito; é a base que nos dita a vontade, que nos obriga à prática do bem e do mal, nos alenta, nos acabrunha, nos idealiza uma vontade para a melhoria das nossas condições críticas. O pensamento produz mil fantasias, apesar de amarga realidade; o pensamento nos leva à morte. Não existe na terra, um ser que não pense, um ser que não queira expandir e na maioria dos casos essa vontade desfaz-se na satisfação da palavra, porque, não encontra eco, base em que possa se firmar, acumular e redimir.

O homem de negócios, a casta dos sanguessugas, não pensa em quem pensa praticar o bem, pensa auferir maiores lucros de suas empresas, pensam em explorar o trabalhador, e aí de vós, si as finanças deles recebe o menor estrequecimento!... pagarás bem caro as misérias do teu algoz. Sobre carregamos no custado todas as austeridades, todos os caprichos a bêlprazer. E vós que fazeis que também pensais? Que sois vós que lhes amontoais o ouro?! Gritais, protestais, e resulta que perdeis o vosso parco e minguado salário. Então vossos filhos vos pedem pão e não o têmdes, passareis as maiores privações, e, achareis o lenitivo no suicídio. Tórnas o quadro mais negro, prostituíste vossa mulher e vossos filhos, tornaste-los uns miseráveis. Portanto não pensais!... se vosso pensamento não estivesse corrompido, não chegaríeis a tanta baixaza; seríeis precavido, procurarias ter-vos alistado no exercito dos trabalhadores, não no exercito que produz a morte, mas sim no exercito que faz a vida mais suave, nos torna potentes. Qual o resultado da vossa letargia? E' somtemplardes o mundo ardendo em fogo, é que procuraste a morte engrossando o exercito da morte, quando esse mesmo sem fronteiras, livre, sem fonte sem vilanias. Para que tanto sangue? ... para satisfazer os caprichos dos Senhores do ouro, para defender o capital, e não o lar do trabalhador! Luta-se para a vitória em que uns se esgotam e outros ficam esgotados, uns rotos, outros esfarrapados! da vindes a tempo do resgate! A ocasião é unica! alistar-vos, não com armas, mas com o exemplo do bem para o porvir, procurai unir-vos por classes para uma só vontade: A emancipação; procurai ser fortes, herculeos e quando algum vos achincalhar, encontrará a barreira intransponível, a unanimidade a paralizar negocios, fabricas, empresas, cidades, emfim, o mundo!

Um por todos, todos por um, é a diviza da união operaria. Como disse, conseguireis o almejado com a união, dando expansão aos vossos ideais, com armas que são os vossos braços que se imobilizam. Vejámos n'esta capital o entusiasmo, o frenezi da juventude abraçando as armas com um calor que se extingue como o tempo que muda bruscamente! Essa mocidade não é trabalhadora como vós, são os filhos dos que vos extorquem, os vossos escravizadores de amanhã, são também os filhos do proletario que não têm noção dos seus deveres, que alimentam o jermem da nossa desgraça; são os sedutores que por esse meio vos desorientam os que vos devidem, os que vos levam pelo caminho errado, os que vos confundem! Portanto, vós, que trabalhais, que o vosso unico tempo é a luta pela vida, um intante que tenhais, propagai vossos ideais, daí calor, mas um calor que nos una, nos associe, um calor que não se extinga, ao contrario cada vez mais abrazador, que insble abraze e queime aqueles a quem enriqueceis e que trazeis na opulencia. Não fraquejeis, do contrario não mais podereis viver; quando com o suicidio, não encontráis remedio; velhos, pobres e tropegos imploraveis á caridade acabando os vossos miseraveis dias n'uma valeta como um cão leprozo!

Como é natural e lojico, vêm eles desenvolvendo uma rigorosa atividade financeira em volta das suas burras, abarrotadas de ricas coleções de papel valorizado pelo Estado, afim de que as suas portas sejam inviolaveis pelos terribes embates da crise.

Quais as medidas mais uteis a pôr em pratica?

Como rezolver a grave e aflita situação atual?

De que meios lançar mão para reduzir ao minimum as nossas despesas?

Eis a preocupação dos srs. proprietarios de hotéis e restaurants, na época atual.

Na verdade é lastimavel que estes luminares da economia domestica não sejam aproveitados num congresso financeiro internacional, afim de cooperarem com as suas inteliencias e energias anuladas no equilibrio economico do mundo capitalista.

Reconhecemos de sobra a sua capacidade financeira, porém coitados! são infelizes na pratica dos seus problemas geniais.

Para eles os unicos que prejudicam os seus interesses são aqueles sem os quais nada seriam na vida.

Na sua maioria são incapazes de dar um passo na vida sem serem amparados e orientados pelos seus empregados, a quem eles olham com tanta desconsideração e desprezo.

Mas isso é menos, não importa, eles querein atravessar este periodo agudo, sem andar no milho velho e para isso torna-se necessario uzar de todos os meios ao seu alcance.

Como já dissemos o unico e inimigo para eles é o seu empregado e portanto urje tomar medidas radicais contra os seus abusos.

Como polvo agorizante estendem os tentaculos opressores e tiranicos em volta da sua vitima indefeza afim de estrair dela a ultima gota de sangue que anda circular nas suas veias.

Com olhos avinagrados pelo pernicioso ataque de um egoismo perverso lançam-se sobre a sua vitima, sem a menor noção do sentimento humano, afim de arrancar-lhes os poucos direitos e regalias que até aqui desfrutamos.

Continuaremos a rezignar-nos humilhados perante tanta infamia?

Said.

Rio, 1º de Novembro de 1916.

Espetadelas

Por hoje temos conhecimento da pratica de tais injustiças pelos Sr. José Garcia Barbedo proprietario do Grande Hotel e o Sr. Angelo Loppe, proprietario do Hotel Venezia.

O Sr. José Garcia além de diminuir 20\$000 réis do ordenado dos caixeiros, tirou a saída de dia, o descanso semanal e o vinho á hora da comida.

Ora Sr. José, seja-nos franco, precisa destas misérias?

O Sr. Angelo Loppe, que ha pouco ainda que é negociante, logo praticou a economia domestica!

Tambem já sabe como se sai de apuros!

Pois olhem nos achamos que o seu procedimento é prejudicial aos seus proprios interesses, porque "ladrão de caza não tem chaves" e "quem não quer ser lobo não lhe veste a pele".

Por hoje, estamos satisfeitos.

Ou modificam a solução dos seus problemas financeiros ou do contrario, já nos veremos.

R. R. M.

O NOSSO APARECIMENTO

Os brilhantes semanarios que se publicam neste capital, *O Clarim* e *Espana* tiveram a proposito do nosso aparecimento, carinhosas expressões de simpatia e encorajamento, ás quais somos sensivelmente gratos.

Igualmente recebemos de muitos companheiros, identicas manifestações de solidariedade.

A todos enviamos os nossos agradecimentos.

O ATRAZO NA SAIDA DESTE NUMERO

Devido ao excesso de trabalho nas oficinas graficas em que é impresso o *Cosmopolita*, deixou de sair este numero na data regular, isto é, a 15.

Por esta falta involuntaria pedimos desculpas aos nossos amigos, prometendo regularizar a proxima saída, que será imprerivelmente a 1 de Dezembro.

Impressões

Na curiosidade de ler deparei com o jornal "O Cosmopolita".

Interessou-me o seu cabeçalho, comprei-o, li e reli o seu conteúdo: *Nosso rumo. Aqui estamos, Os invençíveis, Decendo a montanha*, etc, etc. Na verdade, á primeira vista, pensei que se tratava de politiquices de pouco, menos ou nenhuma importancia. Muito ao contrario. Aqueles que, na conquista insana de um pedaço de pão dormido, vêm privados de sua liberdade individual, procuram no valente jornalzinho dar expansão á revolta que sentem contra a organização social presente.

Li o artigo em resposta ás criticas do dr. Azurém Furtado, e daí depreendi que o dr. não foi ao velho mundo sinão para gastar o dinheiro que lhe sobrava nos bolsos, produto de um trabalho que não era ezatamente o seu; mas lá nada viu e nada observou.

Referindo-se áquele dorminhoco ele-

fante branco que jaz ali na Avenida Rio Branco, tem S. S. palavras de admiração para aquela almanjarra tão mal distribuida no seu interior. Descanse, dr. Azurém, e tranquilize-se, ha tempo de sobra para preparar o estomago para o banquete que de certo lhe será oferecido por tão surpreendentes revelações!

Fala-se em mandar vir pessoal da Suissa na expozição de que não havendo por lá guerra facil será a empreitada. Mas os nossos companheiros da Suissa, são muito necessarios na Alemanha, muito bemquistos na França, apreciadissimos na Italia e assim na Inglaterra, na Russia, onde, a par do respeito á sua dignidade pessoal, encontram um salario relativamente compensador.

O artigo só fazia critica ao pessoal serventuário; parece mesmo que o seu autor, perturbado, imaginou que nós, os empregados, somos os donos e os principais administradores dos hotéis e restaurants do Rio de Janeiro.

Infelizmente no Brasil nos faltam bons *sauçiers, rotissiers, gardes-manger* e abalizados *maitres d'hôtel*; com poucas ecceções, numa porcentagem muito diminuta de competentes e cultos, a maioria não passa de uns verdadeiros *facsimiles*.

Quazi sempre somos nós as vitimas dessas imperdoaveis improvisações, destinadas num momento dado, a servir de *esquiros*, desde que não podem compreender os direitos que lhes assistem como produtores.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Para não ter protestos vãos, Para sair deste antro estreito Façamos nós, por nossas mãos, Tudo o que a nós diz respeito!

Bem unidos, etc.

Crime de rico, a lei o cobre, O Estado esmaga ao oprimido: Não ha direitos para o pobre, Ao rico tudo é permitido.

A' opressão não mais sujeitos Somos iguais todos os seres: Não mais deveres sem direitos Não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abominaveis na grandeza Os reis da mina e da fornalha Edificaram a riqueza Sobre o suor de quem trabalha.

Todo o produto de quem sua A corja rica o recolheu; Querendo que ela restitua O povo só quer o que é seu.

Bem unidos, etc.

Fomos de fumo embriagados! Paz entre nós, guerra aos senhores! Façamos grêve de soldados: Somos irmãos, trabalhadores.

Se a raça vil cheia de galas Nos quer á força canibais, Logo verá que as nossas balas São para os nossos generais.

Bem unidos, etc.

Somos o povo dos ativos Trabalhador, forte e fecundo: Pertence a Terra aos produtivos, O' parazita, deixa o mundo!

O' parazita, que te nutres Do nosso sangue a gotejar, Se nos faltarem os abutres, Não deixa o sol de fulgurar.

Bem unidos, façamos, nesta luta final, Duma terra sem amos, a Internacional!

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

Convidamos o dr. Azurém a formar uma embaixada de ouro para percorrer a Europa inteira e dar um pulo á America do Norte a convidar os arqui-milionarios, ezijentes nos requintes gastronomicos e, para completar a obra, uma meia duzia de brigadas para satisfazer as exigencias da nova clientela. Sem duvida não faltarão nem francezes, nem belgas, italianos ou alemães, europeu nemhum, aziático ou africano, mas sim boas cozinhas e bons generos para os pertences.

Em consequencia concluímos que o que se faz necessario são patrões que entendam da arte, gerentes habilitados e freguezes qu saibam aquilo que pedem e comem.

Eis o que pensa um batalhador culinário, com 41 anos de misérias em cozinha.

Um sem patria.

A ultima palavra sobre vinho quinado é incon-

testavelmente

o Quinado de

Valente Costa & C.

Unico representante:

José de Souza de Macedo

Rua do Rozario, 136

(1.º Andar)

Rio de Janeiro

Telefone 4194 Norte

RIO DÃO O VINHO DE MEZA

PREFERIDO

IMPORTADORES

J. FERREIRA & C.

PRAÇA TIRADENTES, 27

ROMARIA O MELHOR VINHO VERDE

ESPUMANTE NATURAL

Pedir em todas as cazas de petisqueiras e molhados

Unicos Importadores

Rozario n.º 133 **MOURÃO & C. IA**

JEWSBURY & BROWN'S

Manchester, England

Quinine Tonic

Dry Ginger Ale

Sole Agent:—C. N. Lefebvre

Rio de Janeiro

CAFÉ E BILHARES PUERTO RICO

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

COMIDAS FRIAS, ETC.

SOUTO & COMP.

ABERTO ATÉ 1 HORA DA NOITE

RUA DO RIACHUELO, 11

TELEFONE 2190 CENTRAL

RIO DE JNER

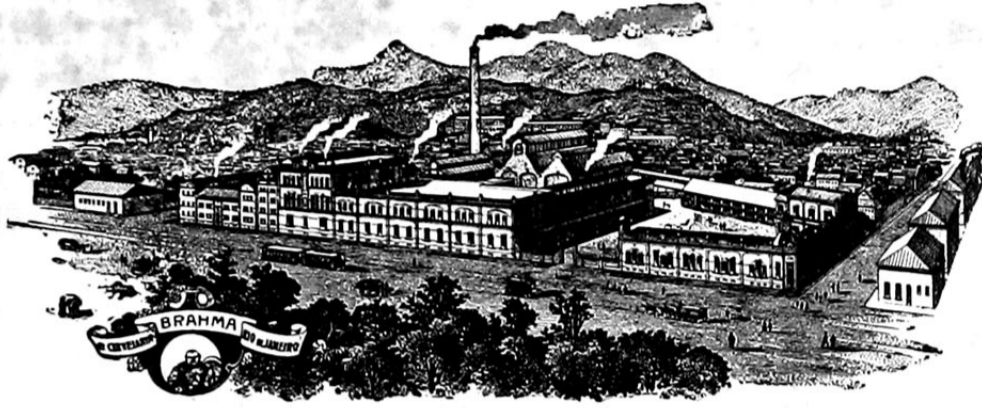
BEBAM

O

MELHOR DO MUNDO



CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BRAHMA

BRAHMINA

TEUTONIA

FIDALGA

MALZBIER

BRAHMA PORTER

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 Central

BEBAM

CAXAMBU'

A preferida

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de meza